

---

A equipe do Acto Falho é composta por Ilka Nakamura, Marília Stabile, Mônica Salgado, Marina Fibe, Vera Vassilieff e Maria Elisa Luccato, e coordenada por Lucas de Almeida Nogueira.

---

## Mulher: Dor ou delícia de ser o que é?

POR MONICA SALGADO

***“Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes”.***

Freud, S (1933)<sup>2</sup>

Início meu texto tentada a levar adiante o convite de Freud e, apoiada em suas teorias, procurar nas experiências de outros autores, na poesia, na clínica e também nas experiências cotidianas não a resposta, mas o que mais puder ser acrescentado às minhas reflexões no sentido de compreender melhor a pergunta que ainda ressoa: “o que quer a mulher?”.

Para tanto, penso em seguir os caminhos de Freud na compreensão da histeria na medida em que ela é continuamente ligada às questões da mulher, seja porque esta sempre foi um mistério para Freud, seja porque são elas as mais sujeitas aos sintomas histéricos.

E como foi esse percurso? Um caminho que foi sempre revisto, desenvolvido e modificado de acordo com suas experiências. Se, inicialmente, a preocupação de Freud estava relacionada ao trauma e à sedução, aos poucos tende a acreditar que o trauma não era a própria sedução e sim a recordação da cena. A importância da memória e da história! As histéricas sofriam de reminiscências, o que fez Freud reconhecer a importância da sexualidade e a sua ocorrência em dois tempos marcantes: a infância e a adolescência. Lucy, Katharina, Elisabeth e Emmy - mulheres, casos em que “uma lembrança desperta um afeto que não pôde suscitar quando ocorreu como experiência, porque, nesse entretanto, as mudanças [trazidas] pela puberdade tornaram possível uma compreensão diferente do que era lembrado” <sup>3</sup> (p.410).

Até que Freud deixasse de acreditar em sua neurótica e passasse a privilegiar a fantasia, era com as reminiscências inconscientes que ele se ocupava: as histéricas sabiam, mas não sabiam que sabiam assim como não queriam lembrar-se das lembranças infantis e, muito menos, das fantasias nem tão infantis assim. Deste modo, a fantasia passa a ser elemento significativo na produção dos sintomas histéricos. Assim foi com Dora<sup>4</sup> (1905) - símbolo freudiano na compreensão da histeria – cujos sintomas histéricos representavam com riqueza a situação fantasiada de sua vida sexual onde não faltavam cenas da sexualidade infantil, masturbação, fantasia de defloração, gravidez e parto (p.100). A partir daí, a *angústia*, provocada por uma fantasia inconsciente, passa a ter um papel decisivo na estruturação das neuroses. É essa angústia que, nas histéricas, Freud chama de inveja fálica, que seria convertida. Muda-se o cenário, muda-se a cena: o que antes era sofrido no psíquico passa a ser sofrido e gozado no corpo.

Como então, diante da angústia de castração, escolher o caminho? Ainda que saibamos a importância das possibilidades do sujeito de lidar com a angústia, podemos supor que o atalho que conduz a uma organização histérica implica em algumas singularidades e especificidades do sujeito que o levariam a escolher esse e não outro trajeto.

A partir desse momento, será mais fácil observarmos, no pensamento freudiano, o imbricar da histeria com a feminilidade. Tolipan<sup>5</sup> nos conduz ao pensamento de Freud destacando as complexidades que vão surgindo a respeito da dinâmica do Édipo feminino. Até 1923, Freud não daria muita importância ao Édipo feminino, considerado por ele como análogo ao do menino. O feminino - tomado como negativo do masculino - ou seja, o menino ama a mãe e odeia o pai; a menina ama o pai e odeia a mãe. O confronto com a bissexualidade constitucional é que faz com que Freud postule um Édipo positivo e um Édipo negativo.

Ainda que Freud vá fazendo modificações em sua teoria, a ênfase na relação da menina com o pai persiste até que em seu texto *Organização genital infantil*<sup>6</sup>, ele introduz a questão da primazia do falo. Nesse momento, ainda não seria possível esclarecer uma correspondência dessa primazia na mulher, o que só seria feito em *A dissolução do complexo de Édipo*<sup>7</sup>, onde Freud fala de como a distinção morfológica entre homens e mulheres está fadada a encontrar uma diferença no desenvolvimento psíquico causando uma desilusão e um deslizamento. Ou seja, a renúncia ao pênis pela menina só será possível por meio de uma equação simbólica – a troca do pênis por um bebê. Em relação ao Édipo feminino, diz Freud: “Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente — dar-lhe um filho” (p.198).

O passo seguinte, em relação ao Édipo feminino, marcaria a diferença entre os dois sexos não mais por um viés anatômico e sim pela posição de cada um deles frente à castração. Tolipan (1992) resume dizendo que o complexo de masculinidade da menina culminaria ou na recompensa de ter um filho ou, ao rejeitar a falta, comportar-se como um homem. E aí surge a questão: seriam esses os caminhos da mulher? Ser mãe ou ser como um homem?

No que diz respeito à castração, o fato da menina não ter o que temer diante dessa ameaça terá importantes implicações na saída do Édipo e na formação do superego. Freud (1924) completa dizendo que “estando assim excluído, na menina, o temor da castração, cai também um motivo poderoso para o estabelecimento de um superego e para a interrupção da organização genital infantil” (p.198), ou seja, podemos concluir que a mulher, ao não se desvencilhar da organização genital infantil, permanece no Édipo, permanece incestuosa.

Freud ainda tinha muito que pensar na tentativa de compreender como uma menina se torna uma mulher. Em 1933<sup>8</sup>, Freud ressalta o trabalho a ser enfrentado pelas mulheres em direção à maturidade sexual. Elas teriam pela frente duas grandes mudanças: a substituição do objeto (mãe pelo pai) e a passagem de uma zona erógena pela outra (clitórís pela vagina). Tarefas nada fáceis se pensarmos que metaforicamente a mulher, para ter assegurada a sua posição de sujeito, tem que sair de uma posição passiva de objeto da mãe (dependente) para outra, mais ativa (semelhante ao masculino) conservando, ao mesmo tempo, uma parte de sua atitude passiva. E assim tornar-se mulher.

Seguindo Freud, vale ressaltar ainda que embora a menina entre no complexo de Édipo ao constatar a castração materna e que isso desencadeie uma conseqüente hostilidade, não é possível esquecermos as suas fases pré-edípicas, onde o que está em jogo, como condição de angústia, é a perda do amor muito mais do que a inveja do pênis. Dessa forma poderíamos supor uma relação ambivalente entre mãe e filha, onde estaria presente tanto o ódio à mãe que não lhe deu o falo, como a admiração por sua falicidade. Frente à castração, três saídas são apontadas por Freud para a mulher: a inibição sexual ou a neurose, o complexo de masculinidade e feminilidade “normal” pela maternidade. Em todas, a presença da questão fálica! Assim, para Freud, a feminilidade e o impasse da castração parecem estar intimamente submetidos à ordem fálica.

Como então pensarmos a questão da histérica e a questão feminina? Seria a feminilidade uma derivação da masculinidade? Será a histeria a única saída da mulher? Será a falha que precisa ser ocultada que é revelada num excesso de exposição? Será o terror ao desamparo que a levaria nessa busca incessante, na crença de que é possível ser completo?

Maria<sup>9</sup>, Sofia<sup>9</sup>, Clara<sup>9</sup>, Ana<sup>9</sup> - mulheres, sofrentes que se conduzem no mundo pós-moderno ainda como espécies de Doras-donzelas que não se sabem fazer amar. Como Sofia que corre atrás da perfeição e não se contenta com o *apenas tudo*; que empurra sempre pra frente a satisfação e o gozo da realização - sempre insatisfeita. “Sabe, diz ela, eu não sei bem o que acontece comigo... eu queria tanto esse emprego... mas é sempre assim, em qualquer coisa que me proponho a fazer... enquanto estou lutando pra ter acho que não vou conseguir, que é difícil e que não é pra mim... depois que consigo... é como se não tivesse valor... como se qualquer um pudesse ter... até com o João<sup>9</sup>... o que mais me chamou a atenção no início foi a dificuldade. Ele não levava nada a sério e agora, depois desse tempo todo que a gente está junto, fico querendo acabar porque fico imaginando que ele não mudou, me trai... não me dá a atenção que eu quero...”.

Como Ana, atriz que vem ao meu consultório para que eu possa ajudá-la a escolher: atriz ou advogada? E eu nem mesmo sei ainda se ela continua a representar o que fala ou se fala o que representa. Ana, filha de diplomata que raramente estava em casa; que mudava de cidade a cada três anos; que ao sentar para a entrevista é mulher resolvida e independente, ao deitar no divã se transforma numa menina frágil a quem é difícil até escutar a voz e ao se levantar pra ir embora parece um menino, um andrógino assustado. Assustada com a sua dificuldade em se relacionar, sem saber aonde isso pode levá-la. “A minha mãe sempre disse que eu sou a mais desgarrada mesmo... O Chico<sup>9</sup> é pra casar... me sinto mal, parece que estou sendo desleal com ele, mas já falei, casar, ter filhos não consigo nem imaginar! E ele é o cara que mais me deixa livre... acho até esquisito”. Se veio para fazer uma escolha, não parece que seja aquela que em princípio a trouxe. Reflexões e questões que me levam a pensar: quem será Ana? Quem sabe ela mesma não tenha coragem de se perguntar ainda.

Penso em Chico Buarque... quantas vezes também se perguntou em Beatriz?

Olha, Será que ela é moça Será que ela é triste Será que é o contrário Será que é pintura o rosto da atriz Se ela dança no sétimo céu Se ela acredita que é outro país E se ela só decora o seu papel E se eu pudesse entrar na suavida Olha, Será que é de louça, Será que é de éter Será que é loucura, Será que é cenário a casa da atriz Se ela mora num arranha-céu, E se as paredes são feitas de giz E se ela chora num quarto de hotel E se eu pudesse entrar na suavida Sim, me leva para sempre Beatriz Me ensina a não andar com os pés no chão, Para sempre é semprepor um triz Ai, diz quantos desastres tem na minha mão Diz se é perigoso a gente ser feliz Olha, Será que é uma estrela, Será que é mentira Será que é comédia, Será que é divina a vida da atriz Se ela um dia despencar do céu E se os pagantes exigirem bis E se o arcanjo passar o chapéu E se eu pudesse entrar na sua vida.<sup>10</sup>

E ainda Clara que aparece sempre *vestida pra matar ou pra arrasar* e só se relaciona com homens casados, numa queixa infundável de que não tem sorte, de que não querem nada com nada. “Deve ter algo errado comigo, pois estou sempre no meio... envolvida com alguém que sempre tem uma ex-namorada, uma ex-esposa, ex-tudo... esses homens também... só querem saber de transar”. Clara, arquiteta separada há doze anos, bem sucedida profissionalmente, sente-se sozinha e por esse motivo bebe todas as noites.

Faço minha a pergunta de Maria Rita Kehl<sup>11</sup>, como compreender e avançar nesse campo minado? Inúmeras questões vêm à baila na tentativa de dar conta do que parece não ter resposta. Como compreendermos essas mulheres de hoje a luz do pensamento freudiano? Como compreendermos hoje, as idéias de Freud de que a noção do complexo de castração seria o responsável pelas transformações no exercício da sexualidade e na possibilidade de se tornar uma mulher?

Nesse momento, recorro a Birman<sup>12</sup> para quem, aproximar-se dessas questões teria que levar em conta palavras como *aventura* e *enigma*, na medida em que elas fundamentam tudo o que estaria condensado na palavra feminilidade. Para ele, a aventura está em supor uma viagem pelo imprevisível e no limite do indizível porque “o território da feminilidade corresponde a um registro psíquico que se opõe ao do falo na tradição psicanalítica, sendo o seu contraponto nos menores detalhes” (p.10). Sob registro fálico o indivíduo buscaria a totalização, a universalidade e o controle das coisas e do outro; na feminilidade o que estaria em jogo seria outra coisa: uma postura voltada para o particular, para o não controle e o relativo. Ou seja, a feminilidade abrange algo muito distante da postura fálica, algo que marcaria a diferença de um sujeito em relação a qualquer outro.

Sim, de um sujeito em relação a qualquer outro, o que implica em não esquecermos que a questão da feminilidade também diz respeito aos homens. Em 1937, Freud<sup>13</sup> já falava de um princípio geral que estava em ação em ambos os sexos e que, embora diversos em sua forma de expressão, referia-se a uma atitude frente ao complexo de castração. O que quer dizer que, como registro erógeno e psíquico, a feminilidade não diz respeito somente às mulheres. O que Freud nos assinala é a precariedade da condição humana se construída a partir de um referencial fálico tanto da mulher quanto do homem.

Aceito a sugestão de Freud e consulto novamente um poeta que talvez, na poesia, faça uma tentativa solitária de compreender a falta e poder encontrar nela as suas contra-partes feminina e/ou masculina.

Oh, pedaço de mim Oh, metade afastada de mim  
Leva o teu olha Que a saudade é o pior tormento  
É pior do que o esquecimento É pior do que se entrevar .....  
Oh, pedaço de mim Oh, metade amputada de mim  
Leva o que há de ti Que a saudade dói latejada  
É assim como uma fisgada No membro que já perdi.<sup>14</sup>

É diante dessa falta, que remete ao desamparo e que em Freud (1937), corresponde à feminilidade, que homens e mulheres se aterrorizam. Ao dar início a experiência psicanalítica, indagando sobre a sexualidade feminina na histeria, Freud se deparou com o enigma da feminilidade que trouxe para o primeiro plano do psiquismo as dificuldades dos sexos para se inscreverem na exterioridade do falo.

Em relação à mulher as dificuldades parecem ainda maiores. Diz Tolipan<sup>15</sup>, “É pelo que não é que ela é desejada e amada.” (p.191). E só assim, a verdadeira feminilidade da mulher pode ser atingida, pela via de um semblante. Não seria isso que Caetano já dizia sobre a mulher, em *O dom de iludir?*

Você diz a verdade A verdade é seu dom de iludir Como pode querer que a mulher Vá viver sem mentir<sup>16</sup>

Ou, de outra maneira, o que diz outro poeta quando canta:

Maria, Maria É o som, é a cor, é o suor É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri Quando deve chorar E não vive,  
apenas aguenta Mas é preciso ter força É preciso ter raça É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca Maria, Maria Mistura a dor e a alegria  
Mas é preciso ter manha É preciso ter graça É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca Possui a estranha mania De ter fé na vida....<sup>17</sup>

É esta posição feminina que exige um reconhecimento duplo: o de que possui o falo num primeiro momento e no momento seguinte dar o que não tem. E entre os dois momentos a angústia - não mais de perder o falo, mas de ser tomada como quem verdadeiramente o tem. (Tolipan, 1992) É de uma ilusão que precisa ser desfeita, que o poeta canta como se compreendesse toda essa complexidade.

Um dia vivi a ilusão De que ser homem bastaria Que o mundo masculino Tudo me daria  
Do que eu quisesse ter... Que

nada Minha porção mulher Que até então se resguardara É a porção melhor Que trago em mim agora É que me faz viver...18

Concluindo o meu texto, penso que ao escolher a feminilidade como tema, levando em consideração a sua dimensão enigmática e a sua relação com o desamparo, talvez tenha deixado intocáveis questões fundamentais. Se o complexo de Édipo estrutura, é o narcisismo que constitui. E não podemos deixar de pensar que a escolha do sujeito passa por tudo isso. Muito ainda poderia ser pensado! Quantas questões! Novas reflexões que demandariam novos textos. É o limite que se impõe como castração do que ainda não pensei, do que ainda não sei.

Não sei por que termino com o desamparo como a única esperança de dar conta desse enigma – feminilidade. Será um paradoxo? Se o desamparo nos remete imediatamente para o que existe de mais incompleto no ser humano, também remete para a consequência maior disso: a dependência insofismável do outro. E ainda que essa dependência não seja absolutamente superável porque ela estará lá - sempre presente – nos fazendo lembrar a todo o momento a fratura constitucional que marca a condição humana é ela que nos faz continuar desejantes. (Birman, 1999)

Quando Freud sugere que consultássemos os poetas se desejássemos saber mais sobre o enigma da feminilidade, talvez pensasse como Adélia Bezerra de Menezes<sup>19</sup> ao dizer que na poesia há algo que escapa ao racional. Como se ao poeta fosse dado mais do que aos outros, como se o poeta pudesse entrar em contato com a vida dos afetos, com o mundo do Id, que é o mesmo da fantasia e do desejo. Sendo assim, termino o meu texto dando a palavra a Manuel Diaz Martinez, outro poeta.

Yo, como todo hombre normal, estoy enamorado de una mujer; una gran mujer nerviosa, bellísima, al borde de la histeria, de una espléndida mujer que le gusta vivir, que hace el amor como una niña de convento a pesar de sus grandes ojos dibujados, de sus largas piernas duras y del temblor de primavera, del frenético temblor obscuro que desgarrar la blancura de su vientre. Y estoy enamorado de mi tiempo. que es brutal y también está al borde de la histeria. Estoy enamorado de mi tiempo con los nervios en punta, con la cabeza rebotando entre el estruendo y la esperanza, entre la usura y el peligro, entre la muerte y el amor: Y sueño y vocifero frente a una sorda, ululante multitud de turbinas, pozos de petróleo, gigantescos combinados siderometalúrgicos donde el hombre crece en la presteza de sus dedos sobre los controles y las herramientas, fundido al cuerpo caliente y brillante de las máquinas, que se desgastan incesantemente fabricando un mundo radiante y futuro, jamás visto, jamás oído, jamás tocado, habitado por fantasmas que apenas tenemos tiempo de engendrar. Estoy enamorado de una mujer bellísima y neurótica como la Historia, y me hundo en sus carnes espaciales para que la aurora que estamos construyendo no ilumine un planeta solitario y melancólico. 20

## Bibliografia

Birman, J. Cartografias do Feminino, Editora 34, São Paulo, 1999. \_\_\_\_\_ Mal-Estar na Atualidade. A psicanálise e as novas Formas de subjetivação, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2000. Freud, S Psicopatologia da Histeria (1886-99) em Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. 1, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1969. \_\_\_\_\_ Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (1905) Vol. VII \_\_\_\_\_ Feminilidade (1933) Vol. XXII \_\_\_\_\_ A Organização Genital Infantil: Uma interpolação na Teoria da Sexualidade (1923) Vol. XIX \_\_\_\_\_ A dissolução do Complexo de Édipo (1924) Vol. XIX Kehl, Maria Rita A mínima diferença, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1996. Martinez, M. D. Como todo hombre Normal in Mientras traza su curva el pez de fuego, 1980. Menezes, A. B Do Poder da Palavra: ensaios de literatura e psicanálise, 2004. Tolipan, E. Dora e a questão da mulher, in A Histeria – O caso Dora, Chaim S. Katz, Editora Imago, 1992.

- 
- 1 Parafrazeando “Dom de iludir” de Caetano Veloso.
  - 2 Freud, S Feminilidade, 1933.
  - 3 Freud, S Psicopatologia da Histeria (1886-99).
  - 4 Freud, S Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (1905)
  - 5 Tolipan, E Dora e a questão da mulher, 1992.
  - 6 Freud, S Organização Genital Infantil, 1923.
  - 7 Freud, S A dissolução do Complexo de Édipo, 1924.
  - 8 Freud, S A feminilidade, 1933.
  - 9 Nome fictício
  - 9 Nome fictício
  - 9 Nome fictício
  - 9 Nome fictício
  - 9 Nome fictício
  - 9 nome fictício
  - 10 Holanda, C. B Vida de Atriz
  - 11 Khel, Maria Rita A mínima diferença, 1996.
  - 12 Birman, J Cartografias do Feminino, 1999.
  - 13 Freud S. Análise Terminável e Interminável, 1937.
  - 14 Buarque, C “Pedaço de Mim”.
  - 15 Tolipan, E Dora e a questão da mulher (1992).
  - 16 Veloso, C O dom de Iludir
  - 17 Nascimento, M “Maria Maria”.
  - 18 Gil, G. Superhomem A canção
  - 19 Menezes, A. B Do Poder da Palavra: ensaios de literatura e psicanálise, 2004

20 Martinez, M. D. Mientras traza su curva el pez de fuego, 1980.

## Fêmeas: memória ou desejo?

POR EMIR TOMAZELLI

As palavras ditas para a parede de minha sala, que se edifica diante do cliente enquanto eu o escuto, lá atrás, protegido do impacto frontal do dizer! , dizem que as fêmeas sofrem, que as mulheres perdem, que as mulheres não são vistas.

As palavras (que Freud considera reais agências reveladoras dos não ditos) escorrem do divã quando as fêmeas falam, e gotejam no tapete da sala como bile que digere o nada da angústia. Essas falas dizem de um esverdeado que devora a ausência e, em seguida, a expele. Famintas, as falas das fêmeas comem o minúsculo fragmento de brasa por confundirem a fonte de calor perigosa com o calor daquilo que seria alimento. Engolem a brasa e, sem controle, em seguida, expulsam-na. É o calor que queima; falsamente pensado como proteção! Este é o feminino: sombra que só se alimenta do que pode matá-lo.

É o falso sonho onde hysteros é apenas útero, corpo puro, totalmente ausente dos fantasmas que o traduzem e o transcrevem. Psicopatologicamente antes de serem mulheres, as fêmeas, desenvolveriam a ‘uteria’ e não a ‘hysteria’, e as mulheres seriam ‘utéricas’ e não ‘hystéricas’.

As fêmeas sofrem. Mas são fortes, não fraquejam. Nunca, nem diante do gozo obtido pelo masoquismo feroz que cultivam depois que o desenvolvem. Destruídas, exaustas, mais em pé, sempre prontas para um novo sacrifício, para mais sangue.

São boas, são santas, não acreditam que os cães podem mordê-las no rosto, não acreditam que os maridos podem odiá-las e preferirem se masturbar a estar com elas; ou, talvez ainda prefiram estar com machos para serem consolados por suas varas vigorosas. Não acreditam que suas mães ou suas amantes (qual seria a diferença entre estas?) podem matá-las, nem de que suas filhas as odeiam. Não sabem que são loucas, topam qualquer parada. Talvez por isso que a morte poderia ser definida como o feminino da pulsão. Assim não se perderia mais tempo em pensar a pulsão de morte. O feminino é suficiente para dar forma ao que deveria ser da ordem da morte!

Não sei se ouço bem ou se invento o que me dizem, mas o que dizem quando me falam - ou quando falam para a parede do meu consultório - é isto que agora eu digo que me dizem quando falam: elas sofrem, elas padecem de amor. Principalmente se falam daqueles que amam e daqueles que desejam, pois que as fazem sofrer. O amor é cego, reveste de sentido o vazio vôo de Ícaro rumo ao sol.

Há anos uma cliente me disse: “Mulher não quer amor, quer prova de amor!” Até hoje isto reverbera nas sessões onde as escuto. E, quando falam, se é que falam quando falam, falam de uma dor que deriva da cicatriz destino do que é para elas o ter no corpo esse outro decalcado que é o de ser mulher! Condenada a seus órgãos, suas funções e ao insuportável complemento que evocam esses mesmos órgãos e funções: o órgão receptivo anseia pelo intrusivo. Destino de corpo. Seta que aponta o lugar onde o eu deve estar, quer queira quer não. De alguma forma é o preço que se paga pelo corpo que se tem.

De bom grado qualquer homem poderia somente querer que a mulher (toda mulher) estancasse ali onde o corpo oferece uma

brecha. Bastaria para nós essa flor que se abre para a procriação e também para a insanidade. Ao homem comum basta o mergulho e o desaparecimento. Complexo é, para a fêmea, possuir Thalassa no corpo e abri-la para ser invadida e “conhecida” pelo intruso obrigatório. Se Jesus é o ‘pene’-trante, o êxtase de Santa Teresa D’Ávila<sup>2</sup>, as interpretações místicas de Françoise Dolto para os bebês e o transe psicótico de Klein junto de suas crianças, também se inscrevem no feminino. Ou não?

É o corpo que impera, é o corpo que “inter-preta”! Ela é selvagem. E, se não anda com os lobos, deveria.

---

<sup>1</sup> Há os que me dizem na cara.

<sup>2</sup>Vasse, DENISE Leitura psicanalítica de Teresa D’Ávila. Tradução de Nadyr de Salles Penteadó, Edições Loyola, São Paulo, 1994

---

## O Feminino em Volver.

POR ILKA NAKAMURA

O psiquismo feminino parece ter exercido grande influência na origem da psicanálise, pois sabemos que Freud intrigou-se com a histeria e é o seu estudo que o conduziu ao desenvolvimento de uma nova compreensão do ser humano e acompanhou quase toda a sua obra.

Em *A psicoterapia da histeria*, Freud compreendia que a histeria - quadro complexo que, entre outros sintomas, apresentava desmaios, dispnéias, conversões somáticas, labilidade emocional, períodos de amnésia e dissociação - seria decorrente do recalçamento defensivo de uma idéia incompatível, traumática, que, em sua clínica, invariavelmente remetia á uma história de sedução da menina por um homem da família. Para a cura, as defesas erigidas contra o trauma deveriam ser reduzidas, as resistências que se estabeleciam de forma estratificadas e concêntricas, deveriam ser dissolvidas progressivamente até a aproximação do núcleo patogênico. Ainda que não o extirpasse, assim se tornaria menos patogênico.

Freud reconhece a importância desta escuta para que seu conteúdo fosse tratado como uma verdade subjetiva, já desenvolvendo técnicas clínicas de investigação. Isso permite que, após desacreditar de sua “neurótica”, ele abandone a teoria de causalidade da histeria como sendo a teoria da sedução e possa então redirecionar sua investigação do enigma feminino para o conhecimento do desenvolvimento sexual, desde a infância.

Elizabeth Tolipan (1992) relembra como Freud teorizou até 1923 considerando este desenvolvimento da libido na mulher análogo ao do homem, principalmente quanto ao Complexo de Édipo. Foi a partir de 1920, com o caso da jovem homossexual que ele passa a valorizar as peculiaridades do feminino, ao notar a importância da relação pré-edípica da menina com sua mãe e depois, em 1923 quando o Complexo de Castração é compreendido sob a luz do conhecimento da fase libidinal fálica e do Complexo de Édipo.

Revela-se assim que a menina irá se deparar com a castração no seu caminho para se tornar mulher, e é do seu direcionamento que depende o sucesso desta trajetória. Se ela rejeita a castração, pode se tornar masculinizada, homossexual e quando a aceita,



irá lidar com a inveja do pênis, podendo ingressar no Complexo de Édipo e desejar um filho, inicialmente do pai, trocando de objeto da pulsão que anteriormente era a mãe.

Em 1933, Freud escreve a *Feminilidade* e acrescenta que a distinção entre feminino e masculino não se resume á atividade ou passividade e que a menina no seu desenvolvimento libidinal irá mudar não apenas de objeto (da mãe para o pai), mas também de zona erógena, do clitóris para a vagina, e Tolipan (1992) conclui que estas mudanças e do “*modo de gozar e a do querer feminino são, todas, mudanças que não se fazem por substituições, mas sim por deslocamentos. O modo de relação pré-edípico se mantém e toda a luta dessa metáfora capenga permanece no destino da mulher tentando passar do registro da metonímia ao da metáfora*”. Se diante da castração a menina não a recusa, mas se se posiciona reprimindo seu desenvolvimento libidinal, irá evoluir com uma neurose histérica pois o recalque da libido, insuficiente, irá resultar nos sintomas histéricos.

A histeria se constitui então como uma configuração exagerada do feminino que na verdade não se constituiu. Silvia Fendrik explica que a feminilidade para a histérica é como uma máscara, um simulacro, e porisso também ela se apresenta tão exuberante. “*Es un hecho de observación corriente el que la ‘femineidad’ no aparezca en relación con la carencia –castración simbólica-, sino con una serie de atributos, de ‘presencias’ que hacen a la mujer deseable ante los ojos del hombre. La conceptualización del deseo femenino, por su relación necesaria con el deseo del hombre, no puede prescindir de señalar qué es lo que hace a la mujer ‘deseable’ para el hombre. El deseo del hombre hacia la mujer no puede prescindir de una cierta ‘fetichización’ o sea de los adornos con los que la mujer encubriría su carencia pra ofrecerse como ‘deseable’ ante la mirada del hombre*”.

E isso nos indica que o enigma do que é ser feminino pode confundir a histeria como seu paradigma, esta quase ofuscando aquela já que para ambas o desejo masculino é também desejado. A sedução para a histérica, no entanto, é desprovida da possibilidade de satisfação, já que ela não pode se reconhecer com a falta do pênis. A feminilidade normal, explica Silvia Fendrik, supõe que enquanto desprovida de pênis a mulher pode encontrar seu lugar de desejada, já que não apresenta ao homem um engodo, mas uma oferenda. E isto significa reconhecer o primado da vagina como zona erógena.

As crises histéricas de antes que envolviam conversões somáticas, dissociações e “ausências”, continuam presentes hoje em dia, principalmente nas classes menos esclarecidas e, nas mais favorecidas, as crises são as mesmas, mas com algumas nuances. Fico a imaginar se Freud investigasse o psiquismo feminino nos tempos atuais, quais personagens fictícias escolheria como ilustrações da histeria.

Acredito que no cinema ele encontraria muitos exemplos, como em *Volver* (2007), onde Almodóvar apresenta a história de **Raimunda**, “uma jovem mãe, bastante trabalhadora e atraente, mas também frágil emocionalmente pois guarda um segredo terrível desde sua infância. Vive com um **marido** desempregado e uma **filha** em plena adolescência [...] Sua **irmã Sole** é um pouco mais velha. Tímida e receosa, ela ganha vida com um salão de beleza ilegal. Seu (de Sole) marido a abandonou, fugiu com uma cliente e desde então ela vive sozinha. **Paula** é tia delas e mora em uma aldeia em La Mancha, onde toda a família nasceu” quando as irmãs a visitam é que começamos a acompanhar a trajetória da protagonista.

Raimunda recebia um carinho diferenciado desta tia Paula, pois vivera com ela por um tempo e, do seu marido, parecia esperar algo semelhante, já que a vemos entristecer-se com o interesse sexual dele. Ao voltar do trabalho noutra noite, encontra-o morto pela filha. A adolescente relata que ele tentara violentá-la e que também lhe havia dito que não era o seu pai biológico. Raimunda declara á filha que assume a culpa deste crime e enquanto se encarrega de dar um destino para o corpo do marido, seu passado reemerge ao longo deste filme de enredo complicado.

O que de início se conhecia do filme era que a **mãe** de Raimunda e Sole havia morrido num incêndio com o **pai**, e que Raimunda não parecia se comover com isso, falava com grande indiferença sobre seus pais. A pequena vila onde moravam era famosa por um alto índice de insanidade e o povo, muito supersticioso, acreditava que além de uma **amiga vizinha** que visitava a tia idosa, o espírito da mãe de Raimunda também tomava conta da sua tia Paula, uma senhora já demenciada e praticamente cega.

Através dos inusitados acontecimentos, ficamos sabendo aos poucos que Raimunda era, enquanto criança, “a menina dos olhos” da sua mãe, e que na adolescência distanciou-se muito dela. O pai, figura ausente no filme, mantinha um caso com **a vizinha**, que ficou desaparecida e cuja filha é a amiga e vizinha da tia Paula. Na época que a mãe de Raimunda soube da infidelidade do marido tentou se separar dele e encaminhou Raimunda para morar com sua tia Paula.

A relação das duas, mãe e filha, nunca mais tinha voltado a ser boa e, na verdade, tinham-na rompido: o pai de Raimunda a havia estuprado e a deixara grávida... A filha nascida deste incesto recebe o nome de Paula também e ambas foram morar em outra cidade com o homem que as assumiu como marido e pai mas que no filme já se tornara, literalmente, um peso morto.

Para Raimunda, que sempre parecia tão atenciosa com os outros, trabalhadora dedicada e ao mesmo tempo, sempre vaidosa, com maquiagem excessiva e roupas sedutoras, os homens pareciam ser prescindíveis. Diferente do que relatava de sua mãe, que “não podia viver sem o pai”. Ela revelou que sentia que a mãe não havia lhe protegido de ser estuprada pelo pai, que a mãe não reconheceu seu sofrimento e ainda havia continuado a amar o seu pai, tendo morrido com ele em um incêndio.

Esta era a versão de Raimunda sobre sua história de vida e seu romance familiar parece conter os mesmos ingredientes que os de um século anterior, agravados por tantas outras mudanças culturais tais como a crescente destituição da figura fálica proporcionando um maior desamparo nos tempos atuais, pós-modernos, descrito por Ézio dos Reis Filho (2001). Outros agravantes como o atual acesso fácil ao consumo excessivo de álcool, corriqueiros hoje em dia e ilustrado no filme pelo marido de Raimunda trazem-me a dúvida se situações de violência sexual intra-familiar são ou eram tão raras como supôs Freud. A labilidade de humor de Raimunda diante das frustrações que lida talvez não fossem tomadas como sintoma tão rapidamente mas diante da saída fácil para comprimidos calmantes, infelizmente ainda tão intensa e descriteriosamente prescritos nos consultórios, fica difícil não considerar este comportamento como sintomático. Ao *mother's little helper* da canção dos Rolling Stones, um comprimidinho amarelo que o médico libera e ajuda a tolerar a vida corrida e insatisfatória que a mulher moderna pode ter, também Raimunda recorre e recomenda á irmã no filme e ela mesma se define ao telefone: estou *histérica*.

O inusitado do enredo é que a mãe de Raimunda na verdade não morreria no incêndio, ela havia incendiado o marido com a amante (a vizinha desaparecida) e se refugiado na casa da sua irmã Paula, vivendo lá escondida até se apresentar para Sole, acompanhando Raimunda somente á distância. Sua mãe, afinal, havia matado o marido infiel e Raimunda, sem o saber, de certa forma repete esta história através da sua filha.

A dificuldade de Raimunda descobrir sua mãe viva, voltar a conversar com ela, rever seu passado parece acompanhar sua dificuldade de enterrar o seu marido. A confusão é interessante, pois seu passado familiar está vivo e retorna a ela, mas é preciso que ela também queira reencontrar-se com seu passado para lidar com suas dificuldades atuais.

Penso que no processo analítico, também o passado se presentifica, e é também pelo estudo da histeria que Freud reconheceu e aprofundou o conhecimento deste fenômeno que em 1912 chamou de transferência. E que logo descreve (a transferência) como ambivalente nos neuróticos: tanto necessária ao tratamento, como resistência dentro dele. Freud diz ainda que a transferência ocorre em outras relações também, mas o processo analítico pode permitir ajustar os impulsos emocionais inconscientes ao

nexo do tratamento e da história de sua vida, a submetê-los à consideração intelectual e a compreendê-los à luz de seu valor psíquico”.

Sorte para a personagem Raimunda que sua mãe está viva, já que ela não está em análise, “pois quando tudo está dito e feito, é impossível destruir alguém *in absentia* ou *in effigie*” e a figura que tinha da sua mãe pode dar lugar a uma outra, mais real com a qual ela pôde se identificar.

E não estando Raimunda em análise, é interessante notar que suas características ativas e sedutoras, fálicas (como nos descreve Hugo Mayer em 1989, muito mais por não elaborar a carência de ser ou ter o falo), não a conduzem a um relacionamento afetivo satisfatório apesar de que contribuem para que consiga recrutar aliados na sua vida, inclusive para enterrar o marido.

Enterrar o marido é tarefa que se impõe a ela tal qual a necessidade que a mulher tem de deixar de ser o objeto de amor dos pais, como descreve Tolipan (1992): outro paradoxo do vir a ser mulher é a separação necessária entre a mãe e a filha, pois só à medida que desvaloriza a mãe é que a menina busca o pai e Hugo Mayer (1989) também esclarece a correlação entre a figura do marido com a da mãe, já que a histérica pode tentar “*compensar o rechaço materno com um deslocamento da dependência da mãe para o pai idealizado [...] e logo apresentar uma dependência hostil tratando o parceiro da mesma forma que a mãe tratava o pai e/ou ela própria*”.

Ao poder lidar melhor com a sua mãe real, curiosamente a protagonista procura uma **amiga** que é prostituta e ela se torna sua cúmplice em troca de Raimunda se comprometer a tornar-se sua sócia.

A amiga prostituta é a figura que participa do processo, feito em várias etapas, de enterrar o marido e talvez possa representar aspectos do papel que muitas vezes o analista exerce com a transferência, já que ela não a julga, não espalha comentários, não decide, mas participa e se compromete e sem a sua colaboração o objetivo de Raimunda não poderia ser alcançado.

E no fim do filme uma porta se encerra entre Raimunda e sua mãe, porta que separa e permitiu comunicar...

entre em contato: [ilkanakamura@gmail.com](mailto:ilkanakamura@gmail.com)

---

## JORNADA DO FEMININO

Pensa-se que seja de grande importância na formação do aluno de psicanálise a sua participação em atividades como jornadas, congressos, grupos de estudos, entre outros, bem como a participação em grupos que se dedicam ao desenvolvimento de projetos de pesquisa, pois, estes são espaços que propiciam ao aluno expressar e desenvolver as suas idéias e também aprender com outros psicanalistas e com outros alunos. Assim, vimos, não só convidar, mas insistir que os alunos participem da JORNADA DO FEMININO, que vai acontecer em 20 e 21 de junho de 2008.

A JORNADA DO FEMININO reveste-se de especial interesse para o aluno porque trata-se de um encontro em que sete grupos projetos e de pesquisa vão expor os seus trabalhos de pesquisa em psicanálise que são realizados no Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto SEDES SAPIENTIAE.

Este evento, interno, está sendo proposto pela Comissão de Projetos e de Pesquisa do Departamento com o objetivo de promover um encontro de trabalho entre todos os sete grupos de pesquisa do Departamento apresentando a pesquisa de forma organizada segundo um referencial único que dá uma direção e um tema, o do feminino. Foram enviados convites especiais para pesquisadores de outras Instituições para que, como um ouvido externo, possam contribuir com novas idéias.

Emir Tomazzelli: [emirtomazzelli@globo.com](mailto:emirtomazzelli@globo.com)

Vera Vassilieff: [veravassilieff@ajato.com.br](mailto:veravassilieff@ajato.com.br)

## O ALUNO, A PESQUISA E A PUBLICAÇÃO EM PSICANÁLISE.

POR VERA VASSILIEFF

O Jornal Acto Falho vem dando ênfase à importância do que se chama de “quarto pé” na formação do psicanalista, ou seja, além do tripé: análise pessoal, supervisão e estudos teóricos, é necessário o envolvimento em grupos de estudos, congressos, jornadas, encontros, enfim, participar ativamente na discussão da psicanálise nos seus diferentes vértices.

Nesta nota, pretendemos levantar a discussão da importância da iniciação em pesquisa científica em psicanálise como atividade pertinente a este “quarto pé” para a formação do psicanalista por, pelo menos, considerando-se dois aspectos. É lícito pensar que o desenvolvimento da psicanálise está atrelado à publicação do conhecimento em psicanálise gerado por psicanalistas. Um outro aspecto, o processo psicanalítico é condição ideal para a investigação, como assinalado por BIRMAN, autor que se dedicou à reflexão sobre a importância da pesquisa em psicanálise para o avanço do saber psicanalítico<sup>2</sup>.

Assim, tem-se a necessidade de produzir o conhecimento psicanalítico e tem-se a ferramenta para possibilitar a geração deste conhecimento, a saber, o método psicanalítico. Ainda, a tempo, citamos uma frase que norteia a Comissão de Projetos e Pesquisa do Departamento de Formação em Psicanálise: “Entende-se por pesquisa científica em psicanálise a produção de conhecimento psicanalítico, sua divulgação em simpósios, congressos e a sua publicação em livros ou periódicos com política editorial científica seletiva.”

É enganoso pensar que se trata de coisa simples, pois, pelo que se lê na literatura sobre o assunto, a pesquisa científica, por si só, envolve uma discussão complexa em todas as áreas do saber e a pesquisa em psicanálise se apresenta, sob este ponto de vista, como se fosse um campo minado. Trata-se de um campo em que se deve movimentar com cuidado e com conhecimento do que se faz, levando-se em conta que a psicanálise, embora apresentando interfaces com outras áreas do conhecimento, não se alinha facilmente com a maioria delas. Mas, mesmo assim, pesquisa em psicanálise pode ser ensinada em programa objetivo de iniciação à pesquisa pelos quais alunos de psicanálise poderiam participar do desenvolvimento de projetos de pesquisa.

No Departamento de Formação em Psicanálise há mestres e doutores e há projetos e pesquisas em andamento nos quais eles estão engajados. Como a psicanálise, é dependente de geração de conhecimento para o seu avanço, acreditamos que pode ser pertinente a discussão de propostas que objetivamente atráíssem os alunos para projetos de pesquisa como parte da formação. Assim, alunos poderiam ter a oportunidade de se dedicarem a projetos de pesquisa e também a inerente tarefa da publicação de seus achados, junto a pesquisadores orientadores mestres e/ou doutores do próprio Departamento.

HERRMAN, F & LOWENRON, T. (Org). Pesquisando com o método psicanalítico. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.

BIRMAN, J. A direção da pesquisa em psicanálise. In: Psicanálise, Ciência e Cultura. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1994.

Vera Vassilieff, [veravassilieff@ajato.com.br](mailto:veravassilieff@ajato.com.br)

## AS MENINAS-ROSEIRA\*

POR CYBELLE WEINBERG

Em visita recente ao Chile, uma imagem remeteu-me, surpreendentemente, às meninas que sofrem de Anorexia Nervosa. Nas vinícolas dos grandes vales, ao pé da Cordilheira dos Andes, roseiras florescem na frente das colunas de vinhas. A visão, intrigante e de uma beleza extraordinária, sugere, inicialmente, o capricho do vinicultor e seu desejo de embelezar o vinhedo. No entanto trata-se de prevenção: no caso de uma praga atingir a região, as roseiras, por serem mais sensíveis, serão as primeiras a exibir os sinais da doença. Funciona, assim, como um alerta e permite que as uvas sejam salvas. Eis aí, pensei: essas meninas que morrem anoréxicas são meninas-roseira. Lindas e sensíveis, com sua morte silenciosa alertam para os males causados pela praga do momento, a exigência despropositada de magreza. Uma “praga” que se alastra, decorrente, entre outras causas, de uma exigência descabida de um corpo sem carne e sem formas...

Como são essas jovens anoréxicas?

Meninas que ficam anoréxicas têm um perfil comum, um tipo de personalidade perfeccionista, que as leva a perseguir um ideal de magreza. Têm um histórico de boas filhas e boas alunas, crianças obedientes e dóceis, com muita dificuldade para expressar sua vontade. Dependentes e apegadas a seus pais, sentem a adolescência como um momento perigoso, momento de separação e autonomia, assustador. Deixar de comer, perder as formas e manter um peso abaixo do esperado é, sem dúvida, um meio de manter os cuidados e a dependência infantil.

A família tem um papel preponderante na questão da Anorexia Nervosa: na sua gênese, na sua manutenção e no seu tratamento. Na sua gênese porque estudos mostram que as famílias de meninas ou meninos anoréxicos tendem a ter muita dificuldade em estabelecer limites, expor seus conflitos, lidar com as situações de separação e luto e viver uma sexualidade adulta. Lembram aqueles vinhedos lindos e ordenados, com uma bela roseira na frente, a primeira a dar mostras de que as coisas não vão tão bem assim. Na sua manutenção porque, em muitos casos, não conseguem acompanhar o processo da adolescência dos filhos, que supõe separação, individuação e autonomia deles. E no tratamento, para que possam elaborar esses lutos e aceitar o crescimento e amadurecimento de seu filho. Por isso que a inclusão da família no tratamento da Anorexia é tão importante. Infelizmente, nem sempre se consegue a colaboração da família. Muitos pais resistem a ver que, por trás daquela “mania de fazer dietas”, está uma doença grave. Em muitos casos a própria dinâmica da família mantém o quadro, uma vez que as filhas manipulam facilmente seus pais. Primeiro porque a mãe tende a mostrar sentimentos ambivalentes em relação a suas filhas,

fato facilmente observável quando elas não conseguem seguir as determinações do médico, permitindo, por exemplo, que façam exercícios abusivos quando estão à beira de um internamento por estarem só pele e osso. Segundo, porque o pai, na maioria das vezes, não consegue exercer seu papel de interditar, separando mãe e filha e usando sua autoridade para proteger suas filhas de uma relação sufocante.

Em defesa da lei

Quando falha a função paterna, surge a necessidade de uma lei externa que faça, pelos pais, aquilo que eles não estão conseguindo fazer. Proibir meninas com menos de 16 anos e com IMC abaixo de 18 de desfilarem é muito saudável e leis, como as que se fizeram na França, proibindo sites que promovem a magreza, são bem vindas. Se meninas com um peso normal começarem a fazer sucesso nas passarelas, nas propagandas e nas capas de revistas, a busca pelo corpo magérrimo tenderá a diminuir. Já conhecemos esta história: em meados do século XVII, quando os jejuns e as autoflagelações perderam significado religioso e foram substituídos pela caridade, pelo ensino e pela ajuda, o número de santas jejuadoras diminuiu. Aí está nossa responsabilidade: enquanto a sociedade passar às meninas a mensagem de que só magro faz sucesso e que cada um “vale quanto pesa”, por que elas abandonarão esse projeto de morte?

Cybelle Weinberg é psicanalista, membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e mestre em Ciências pela Faculdade de Medicina da USP. Coordena a Clínica de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da Anorexia e Bulimia (CEPPAN) e é autora dos livros *Geração Delivery – adolecer no mundo atual*. (org.) Sá Editora, 2001; *Por que estou assim? - os momentos difíceis da adolescência* e *Do altar às passarelas – da Anorexia santa à Anorexia Nervosa*. (Weinberg e Cordás) Annablume, 2006.

\*Resumo do artigo publicado na íntegra na Revista *Mente e Cérebro*, ano XIV, n. 171